

CADERNOS NEGROS E AMERICANAH: CABELOS CRESPOS, AFIRMAÇÃO IDENTITÁRIA E OUTROS ANSEIOS^{1 2}

BLACK NOTEBOOKS AND AMERICANAH: AFRO HAIR, IDENTITY AFFIRMATION AND OTHER YEARNINGS

Bárbara Maria de Jesus Oliveira³
Maria Anória J. Oliveira⁴

RESUMO: o objetivo do presente texto é refletir sobre o processo de negação e/ou afirmação identitária das protagonistas em *Impressões de uma infância* (*Cadernos Negros*, no 36), de autoria de Silvana Martins (2013) e no romance *Americanah*, de Chimamanda Adichie (2014), a partir da relação com os seus cabelos crespos. Para tanto, realizamos a pesquisa bibliográfica e nos norteamos em estudos oriundos da literatura em interface com outras áreas do conhecimento. Com base nos estudos de Cuti, Florentina Souza, Jailma Moreira, Ana Rita Santiago e Eduardo Duarte, situamos a noção de literatura negra/afro-brasileira e destacamos a relevância das abordagens que visibilizam as vozes/linguagens das margens (HALL, 2005; hooks, 2019). Dentre estas, as referidas obras e respectivas fundamentações. À guisa da conclusão, refletimos acerca do impacto do padrão estético brancocêntrico (cabelos lisos ou alisados) para a re/constituição identitária das protagonistas culminando-se, por fim, com a “autorrecuperação” (hooks, 2019) e, por conseguinte, a reexistência.

PALAVRAS-CHAVE: Memória. Cabelo crespo. Identidade. Narrativa afro-diaspórica.

ABSTRACT: The aim of this text is to reflect on the process of denial and/or identity affirmation of the protagonists in *Impressions of a childhood* (*Black Notebooks*, no. 36), written by Silvana Martins (2013) and the novel *Americanah*, by Chimamanda Adichie (2014), from the relationship with their curly hair. To do so, we conducted bibliographical research and were guided by studies from literature in interface with other areas of knowledge. Based on the researches

¹ Artigo recebido para avaliação em 15/08/2020 e aceito para publicação em 10/10/2020.

² O subtítulo desse texto é inspirado em dois livros da ativista norte-americana bell hooks (2019b; 2019c).

³ Mestre em Crítica Cultural (Pós-Crítica/UNEB), membro do grupo de Pesquisa Iraci Gama: Letramentos, Identidades e Formação de Professores/as. E-mail: barbarakinda@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4637-0395>.

⁴ Doutora em Letras/Professora Titular (permanente) do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural/Pós-Crítica. Líder do grupo de Pesquisa Iraci Gama: Letramentos, Identidades e Formação de Professores/as, membro e coordenadora da Área Literatura, Linguagens e Artes da Associação Brasileira de Pesquisadores Negros. E-mail: anoria.oliveira@hotmail.com; anoriaoliveira@uneb.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5982-8932>.



of Cuti, Florentina Souza, Jailma Moreira, Ana Rita Santiago and Eduardo Duarte, we situate the notion of Black/African-Brazilian literature and highlight the relevance of the approaches that visualize the voices/languages of the margins (HALL, 2005; hooks, 2019). Among these, the referred works and respective foundations. By way of conclusion, we reflect on the impact of the aesthetic pattern *brancocentric* (straight or straightened hair) for the re/constitution of identity of the protagonists culminating, finally, with “self-recovery” (hooks, 2019) and, therefore, the reexistence.

KEYWORDS: Memory. Curly hair. Identity. Afro-diaphoric narrative.

Estamos enraizados na linguagem [...] Nossas palavras não são sem sentido. Elas são uma ação – uma resistência. A linguagem é também um lugar de luta.

bell hooks
Literatura é poder.
Cuti

Considerações iniciais

Impressões de uma infância (Cadernos Negros, no 36), de autoria de Silvana Martins (2013) e o romance *Americanah*, de Chimamanda Adichie (2014), são obras distintas em diversos aspectos, contudo podem dialogar em alguns pontos. Das cenas tecidas nestas narrativas, silenciadas vozes das margens ressoam e podem fazer emergir a menina que um dia fomos. Partindo dessas conjecturas e de outras indagações, delineamos o presente texto. O recorte, as citadas narrativas. Para abordá-las, realizamos a pesquisa bibliográfica no campo da literatura e áreas afins (Antropologia, Linguística Aplicada, Estudos Culturais e outras). O nosso objetivo é identificar, em ambas as narrativas, aspectos da negação e/ou afirmação identitária através da relação das personagens com os seus cabelos crespos.

A despeito da visibilidade, de certo destaque à produção da escritora nigeriana Chimamanda Adichie e, também, da longa trajetória dos *Cadernos Negros*, das pesquisas acadêmicas na área e das traduções fora do Brasil, tanto *Americanah* quanto os referidos *Cadernos* ainda seguem marginalizadas em nossas instituições acadêmicas.



Em outras palavras, salvo os diferentes contextos de onde emergem, as citadas obras não deixam de se constituírem como uma das linguagens das margens na seara literária. Das margens são, também, as respectivas protagonistas, pois é em torno delas que giram as tramas enredadas nas narrativas.

Para Raysa Ferreira Soares (2019, p. 25), por exemplo, “Falar da margem do campo literário de forma propositiva ainda requer muito esforço de quem se propõe a fazê-lo”. Vale salientar que a pesquisadora se refere ao mercado editorial, à disparidade entre publicações nas editoras de grande porte, as “mais tradicionais” e as dos pequenos “nichos”. Excluídos desse espaço mercadológico seguem as produções de “autores e autoras negros, indígenas e LGBTQs”, constata Raysa Soares.

Do seu contexto social, os Estados Unidos, a ativista e pesquisadora bell hooks (2019a) muito contribui para redimensionar o nosso olhar e melhor situar o lugar de fala das margens. Da sua obra destacamos, de antemão, o intitulado livro: *Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra*. Afinal, assim como hooks (2019a, p. 45), compreendemos que fazer ecoar as linguagens das margens é “um ato de coragem”. Enquanto tal, implica a ação política, ética e desafiadora. Logo, pondera a aludida ativista: “a coragem não está apenas em denunciar o outro, mas igualmente na capacidade de realizarmos uma dobra sobre nós mesmas” para evitar reproduzir o que almejamos denunciar, o racismo.

A “dobra sobre nós mesmas” é um exercício contínuo, necessário e tenso. Mais ainda, quando vivemos em espaços sociais desiguais, intoxicados pelo racismo (FANON, 2008) e suas consequências sociais nocivas. Das margens, contudo, nossas vozes ressoam e impulsionam às lutas e conquistas antirracistas dentro e fora dos espaços do saber e, por conseguinte, do poder.

Das conquistas, a Lei Federal 10.639/03 e as respectivas *Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana* (BRASIL, 20004), dentre outros marcos legais. Estas, em específico, visam à reparação de legados históricos vilipendiados, quando não silenciados em nossas instituições acadêmicas, um entrave antigo que se acirra no cenário político brasileiro e em outras partes do mundo na atualidade. As consequências nocivas do racismo, ou seja, a pretensa crença de que persiste a hierarquização dos segmentos étnico-raciais, como se fossemos



subdivididos entre populações superiores e inferiores, é um grave problema que incide sobre o imaginário social (MOORE, 2007).

As máculas e marcas desse entrave persiste e se intensifica, a despeito das reexistências negras (SOUZA, 2011) e reverbera na ambiência educacional, nas relações afetivas, na produção do conhecimento, nos meios de comunicação e nos produtos culturais. Nestes últimos, conforme explicitam Fulvia Rosember e Paulo Vinícius (2008, p. 73 a 103). Dessa conjuntura neocolonial, a *necropolítica* (MBEMBE, 2019, p.5) e um dos seus desdobramentos na produção do conhecimento, o “*racismo epistêmico*” (LIMA e SOUZA, 2018, p. 37), em correspondência às noções de Sueli Carneiro (2005) que, por sua vez, se pauta em Boaventura S. Souza (2010).

Se o genocídio vitimiza quem tem na “pele a cor da noite” (MACHADO, 2014)⁵, ou seja, quem tem as marcas identitárias que remetem às raízes africanas, a saber: a cor da tez e os cabelos crespos, o epistemicídio, em contrapartida, viabiliza a desqualificação e, nessa esteira, a destruição de *corpus* de conhecimentos produzido pelo segmento étnico-racial marginalizado historicamente (LIMA e SOUZA, 2018).

Em uma perspectiva propositiva, portanto, objetivamos identificar, através do conto *Impressões de uma Infância*, de Silvana Martins (2013) e do romance *Americanah*, da escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie (2014), o que implica o processo de negação e/ou afirmação identitária nas duas narrativas, levando-se em conta a relação das personagens/protagonistas com os seus cabelos crespos.

A presente explanação está estruturada em três seções principais entrelaçadas. Na primeira, situamos o assunto exposto, levantamos algumas problematizações e conceituações em diálogo com estudiosas da área. A seguir, explicitamos o que entendemos por literatura das margens como um “ato de coragem”, sob o prisma de bell hooks.

Na sequência, pautamos os *Cadernos Negros*, um dos aquilombamentos literários e, dentre as edições, o conto *Impressões de uma Infância*. Focalizamos, a seguir, o romance *Americanah* e, neste, a personagem Ifemelu, com vistas a ressaltar, nas duas obras, certos aspectos atinentes à *afirmação e à negação*

⁵ Palavras poetizadas inspiradas no título de um dos livros da escritora baiana Vanda Machado (2014).



identitária das protagonistas. Nas considerações finais, como de praxe, entrelaçamos os fios do pensar e endossamos a relevância de empreendermos estudos nessa vertente propositiva. Trata-se, no caso, de um “ato de coragem” (hooks, 2019).

Literatura das margens: um “ato de coragem”

Para o escritor Cuti (2010, p. 12), a literatura é um dos afazeres humanos que tem o poder de “alimentar o nosso imaginário”, além de impactar ações e percepções. A esse respeito, mas focalizando a escrita de mulheres negras, outras estudiosas da área têm deixando valioso legado e a elas nos reportamos para aplinar o caminhar.

bell hooks (2019a, p. 73), por exemplo, ativista e intelectual negra afro americana, concebe a linguagem “como um lugar de luta”, partindo do discurso acadêmico, literário, dentre outros. Suas reflexões contribuem para re/pensarmos as relações de poder em sociedades erigidas sob o prisma da “supremacia branca”, os Estados Unidos, seu país de origem e, também, o Brasil, complementamos.

Em *Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra*, a citada ativista afirma: no “[...] plano da ficção [...], aqueles que compreendem o poder da voz como gesto de rebelião e resistência incitam o explorado – o oprimido – a falar” (hooks, 2019a, p. 48). Para hooks, portanto, nisso consiste o “ato de coragem”: erguer vozes preteridas das instâncias do poder e, por conseguinte, do saber. Dessa travessia resulta a “fala libertadora”, a “autor-recuperação” de quem teve/tem a voz suprimida, silenciada pelas consequências do racismo epistêmico. Algumas dessas vozes emergem das linguagens impressas nas produções acadêmicas, literárias e/ou expressas por via da oralidade.

Em conjunturas sociais distintas, mas, de certo modo aproximadas às de hooks, visto que propositivas, Jailma Moreira (2015) problematiza a falta de políticas públicas, a consequente exclusão das produções das escritoras negras, as estratégias de resistências vislumbradas e postas em ação na Bahia e em outras regiões. Em outras palavras, já não basta denunciar, apenas, urge ousar, avançar e trazer à baila tais legados para oportunizar a reparação social pleiteada (Lei Federal 10.639/03), endossamos.



Algumas questões aventadas por Jailma Moreira (2015, p. 71; 78) se referem às “[...] produções de escritoras subalternizadas, em específico o processo de produção de uma outra subjetividade feminina: a escrita de si”, as condições de produção, a circulação, a visibilidade e o lugar de fala implicados nas escritas de “autoria negra”.

Ana Rita Santiago (2012), nessas correntezas, se detém sobre as produções de autoria negra em espaços sociais baianos e africanos. Destes, Moçambique, um dos recortes. Referindo-se à denominação da literatura que é, para uns, intitulada como “literatura negra”, para outros “negro-brasileira” (CUTI, 2010) e, ainda, “afrodescendente” e/ou “afro-brasileira”, conforme a referida pesquisadora, através dessa literatura “[...] se compreendem identidades e culturas negras como elaborações humanas, instituições de valores, crenças, histórias, experiências, indagações [...]” (SANTIAGO, 2012, p. 133).

A despeito da falta de consenso em torno da conceituação atribuída à literatura negra/afro-brasileira (um termo que temos utilizado nos últimos tempos), o pesquisador Eduardo Duarte (2011) reconhece que se trata de um conceito “em construção” e apresenta alguns aspectos dessa literatura. Que dizer, o debate está em curso.

Se há, hoje, debates, dissensos e alguns consensos acerca da literatura que se volta para as relações étnico-raciais, ou seja, as “relações entre negros e brancos” (GOMES, 2008), por outro lado, como explicita Bárbara Oliveira (2014), de tais anseios resultam os *Cadernos Negros*, publicações coletivas do grupo *Quilombhoje*, cujas páginas impressas no objeto livro nos desafiam a estudar, re/pensar e, enfim, problematizar o campo literário.

Cadernos Negros: aquilombamento literário

Entendemos o termo “quilombo” sob a ótica de Beatriz Nascimento, uma estudiosa que redimensionou o campo das Ciências Humanas, a História do Brasil, a partir da perspectiva negra. A Beatriz Nascimento coube enfatizar a agência, isto é, a autonomia e a subjetividade negra, ao engendrar epistemologias capazes de visibilizar as experiências e as especificidades de homens e mulheres negras em nosso país.



Incomodada com acepções que restringiam a população negra ao contexto escravagista na trajetória nacional, tendo-se como referência principal o ponto de vista do homem branco, Beatriz do Nascimento (2018) questiona tais abordagens e ressignifica o termo quilombo.

Sob o prisma da referida intelectual, a noção de quilombo é associada à resistência e à afirmação identitária negra. Ou seja, quilombo como espaço de luta, de agrupamento e fortalecimento identitário das populações marginalizadas em nossa sociedade. Em analogia, o grupo *Quilombhoje* não deixa de potencializar e ressignificar o termo através do campo literário quando, desde 1978 aos dias atuais, sob a coordenação de Márcio Barbosa e Esmeralda Ribeiro, investe nos *Cadernos Negros*. Nessa linha de raciocínio, Florentina Souza (2005) reconhece que os *Cadernos*, enquanto aquilombamentos literários, tem sobrevivido à exclusão editorial mercadológica, configurando-se como espaços de agenciamentos histórico-culturais e de resistência negra.

Agenciamentos esses que fazem ecoar as linguagens das margens enredando-se, através delas, as personagens, dilemas sociais, situações de racismo, de negação e/ou afirmação identitária, dentre outras questões suscitadas. É o que acontece no conto *Impressões de uma infância*, de Silvana Martins (2013), como veremos a seguir.

Impressões de uma infância

O conto *Impressões de uma infância*, da escritora Silvana Martins (2013), traz à cena as reminiscências da protagonista que, desde a infância, se instiga com os diferentes tratos dos cabelos das mulheres à sua volta. Ela, uma criança negra, vê a mãe e as tias com cabelos lisos. Ainda na tenra idade, é levada ao salão por tais mulheres para ficar “mais bonita”:

Elas queriam me ver bonita, queriam que eu me parecesse com elas. Seus cabelos lisos, mas os delas não precisavam de cabeleireira, já eram assim, diferentes do meu, que era todo cacheado, e, se eu dormisse com eles molhados, era difícil de pentear. Mas minha mãe nunca reclamou, sempre me disse que eram lindos e que ela sempre quis ter filhos negros como eu e meu irmão (MARTINS, 2013, p. 101).



Esse querer “ver” a criança negra “bonita” e a imposição de um padrão branco (cabelos lisos) demonstra, na narrativa, o conflito da protagonista. Afinal, ela não entendia por que as mulheres negras usavam tranças. Menos ainda, o motivo de alisar os cabelos.

Sem escolha diante daquele mundo, a personagem se vê obrigada a seguir o rito. Logo, reconhece: “elas eram mais velhas e eu acho que elas sabiam o que era certo...” (MARTINS, 2013, p. 101). Sua identidade, nessa fase, é moldada pelo mundo adulto.

É importante frisar que a identidade resulta da interação do sujeito com a sociedade e implica um processo complexo de auto percepção. Resulta de embates, conflitos, transformações e relação com as diferenças o que, em outras palavras, evidencia Stuart Hall (2005). Essa noção se aproxima das travessias da protagonista em seu percurso identitário.

Das acepções de Hall (2005) ao conto *Impressões de uma infância*, por exemplo, a protagonista expressa o impacto de viver em um espaço familiar multirracial. Sua identidade, desse modo, é forjada no universo adulto que é, sobretudo, brancocêntrico⁶. Vejamos as suas palavras:

Lembro-me que eu ficava horas no cabeleireiro, eu tinha sono... meu pescoço doía muito e às vezes eu cochilava na cadeira, o produto tinha um cheiro ruim, muito forte, e quando acabava eu me olhava no espelho e me sentia perdida, como se aquela imagem refletida não fosse eu, e todos meus sonhos de menina iam embora naquele momento, eu crescia um pouco, ou melhor eu crescia muito, tinha a responsabilidade de cuidar de meus cabelos. (MARTINS, 2013, p. 101-102)

Temos, acima, o desgaste físico: “pescoço doía”, “sono”, incômodo para atender aos desígnios exigidos. Contudo, ele se sente “perdida” por não se identificar com reflexo do espelho⁷. Ou seja, os cabelos da protagonista marcam seus dilemas cruciais na narrativa. Para melhor pautar esse símbolo identitário, recorreremos a Nilma Lino Gomes (2008).

⁶ Quer dizer, centrado no ponto de vista ocidental branco.

⁷ Por nos referirmos ao mesmo conto, a partir de então, mencionaremos apenas os números das páginas a serem citadas.



Para Nilma Lino Gomes (2008, p. 102), tanto o cabelo quanto o corpo não devem ser pensados puramente como elementos biológicos. O corpo negro e o cabelo, “Juntos, [...] possibilitam a construção social, cultural, política e ideológica de uma expressão criada no seio da comunidade negra: a beleza negra.” Em diálogo com a protagonista de *Impressões de uma infância* é possível notar o impacto da família e da ambiência sociocultural adultocêntrica, em sua re/constituição identitária a partir das memórias da tenra idade.

Ou seja, ao rememorar, se traz à baila sensações e dores oprimidas. Destas, as *Impressões da infância*. A ação de lembrar nos leva a revisitar outras travessias. Caberia, se fosse esse o propósito, questionar: como se deu a relação com os nossos cabelos crespos? O quem marcou o processo de aceitação e/ou rejeição das raízes negras? Adentraríamos tal seara, como o fizemos antes (OLIVEIRA, 2014). Agora, não é o caso. A indagação é apenas um modo de expressar as vozes que impulsionam e se fazem ecoar no presente texto.

Por hora, o foco: as *Impressões de uma infância*, uma narrativa que também expressa relações de afetos entre as mais velhas, a mãe e as tias. Contudo, a personagem tece cenas dolorosas durante os processos de alisamentos (MARTINS, 2013, p.102).

Se recorrermos ao campo da Antropologia e da Educação, com base nos estudos de Nilma Lino Gomes (2008) observamos que, semelhante à personagem do citado conto, boa parte das mulheres por ela pesquisadas vivenciaram dilemas correlatos, o que a leva a identificar o impacto da “memória coletiva” na relação familiar e social das mulheres entrevistadas.

A “memória coletiva”, segundo Halbwachs (1990), corresponde ao processo de reconstrução do passado por determinados grupos sociais possibilitando, assim, a compreensão do vivido. Trata-se, no caso, de memórias que são atravessadas pelas relações sociais de outros grupos.

Halbwachs não descarta que a memória individual pode ser ressignificada a partir da interferência da subjetividade do indivíduo na relação social. É o que ocorre com a protagonista e a mudança de percepção diante das referências positivas sobre o grupo étnico-racial negro. Partindo das contribuições desse estudo, é possível inferir que a personagem tece as memórias da



infância no âmbito da relação familiar e social. Da sua trajetória, a arte de brincar com as bonecas “todas loiras e algumas [que] tinham o cabelo comprido” (MARTINS, 2013, p.102).

Ou seja, em um primeiro momento, as memórias da infância da personagem trazem à tona o padrão branco, o que é notório quando nos diz: “Minha boneca favorita era um bebezinho, quase carequinha, era toda branquinha e tinha uma pele rosada, eu amava muito” (MARTINS, 2013, p.102).

Em *Tornar-se negro*, de Neusa Santos Souza (1993), do campo da psicanálise, Jurandir Freire Costa (que o prefacia) nos ajuda a entender o impacto da “brancura” na vida das pessoas negras (In. SOUZA, 1983, p. 4). Um dos fatores cruciais: a imposição do universo brancocêntrico em detrimento das referências negras.

O conto *Impressões de uma infância* não se distancia de tais constatações quando a personagem, na tenra idade, vive sob a égide do universo brancocêntrico simbolizado pela imagem da boneca loira, de pele rosada e cabelos lisos. Mudanças de percepções insurgem a partir do momento em que sua tia a presenteia com uma boneca negra. Logo, relembra:

...Quando eu abri a caixa fiquei maravilhada, ela me comprou um nenezinho negro, uma bonequinha igual à minha, só que negra. Seus olhos eram como os meus, sua cor de pele se parecia com a minha e ela tinha um cheiro tão bom, ela era tão linda, era minha nova amiga.

– Eu nem sabia que existiam bonecas negras – falei para minha tia, e ela sorriu e me disse:

– Esta parece com você (MARTINS, 2013, p. 103).

Ainda imersa em sensações positivas, a personagem relata a emoção de sentir a chuva caindo em sua cabeça quando nos diz: “As gotas enrolavam meus cabelos e eles voltavam ao seu estado natural, meu coração batia forte... a sensação de deleite desse retornar a mim mesma me fizeram entender tantas coisas...” (MARTINS, 2013, p.103).

A partir das memórias da personagem, da relação entre a água e a chuva resulta a libertação do padrão imposto socialmente. Dessa travessia, a “autorrecuperação”, se pensada sob a ótica de bell hooks (2019a). Em outras palavras, como se vivenciando



um rito de passagem, a personagem estilhaça as “máscaras brancas”, (FANON, 2008) outrora impostas e se apazigua com as madeixas crespas. Desde então, a sensações de “deleite”, o pulsar da vida, pois o “coração” passa a bater “forte”, como se renascendo.

Em diálogo com estudos de Florentina Souza (2005, p.196) acerca dos *Cadernos Negros*, entendemos: “Os traços físicos e culturais, antes rejeitados e recalcados por serem considerados desprovidos de beleza, ganham outro sentido e passam a ser assumido como marcas identitárias”. Foi o que identificamos no conto *Impressões de uma infância*, ao final.

Também Kupper (2002, p. 299) endossa essa assertiva e, assim como Florentina Souza, as constatações não se referem ao referido conto e, sim, a outros *corpus* de estudos. Kupper (2002, p. 299), no caso, pontua que

A apreciação dos cabelos crespos, da cor de pele e das religiões e a narração de acontecimentos históricos sob a perspectiva da tradição afro-brasileira serão considerados meios de consolidação da identidade étnica que ressignifica a tradição e seus paradigmas.

Tradição essa que impulsiona às indagações, à rasura das imposições brancocêntricas, constituindo-se como um dispositivo plausível à afirmação identitária negra. No que tange à protagonista, o “autorreconhecimento” é impulsionado após o contato afetivo e efetivo com um boneco que se parece com ela: “[...] eu compreendi que eu podia ser do jeito que quisesse, e podia gostar de minhas bonecas do jeitinho que elas eram” (MARTINS, 2013, p. 104). Com isso, a consequente valorização:

Eu sempre dizia, toda orgulhosa, eu tenho um bebezinho pretinho como eu e um bebezinho Branquinho como minha mãe, e eu amava os dois da mesma forma. E eu nunca mais usei o secador. (p.104).

Em suma, poderíamos ampliar o leque de reflexões no referido conto. Para o breve recorte e sua extensão, no entanto, entendemos já ter pontuado o que nos propusemos a realçar: a constituição identitária da personagem a partir da negação e/ou a afirmação das negras raízes: os cabelos crespos. Mas, em *Ame-*



americanah, como se dá esse processo? Vejamos a seguir, a começar situando a autora, a obra o contexto social de onde emerge.

Americanah: Ifemelu

Chimamanda Ngozi Adichie é uma das poucas escritoras africanas que, nos últimos tempos, vem conquistando certo destaque nessa negra diáspora, o Brasil. Um dos marcos da sua visibilidade resulta da conferência intitulada *O perigo de uma história única*, no programa TED Talk, em 2009⁸. Desde então, o citado título tem inspirado outras produções acadêmicas e, inclusive, uma edição em livro pela Companhia das Letras (ADICHIE, 2014). Das obras da escritora interessa, aqui, alguns aspectos do romance *Americanah*.

Americanah, como explica Eliza de Souza Silva Araújo (2017, p. 12), é “um termo usado na Nigéria para se referir às mulheres que deixaram sua terra natal para viver nos Estados Unidos e retornam com costumes diferenciados” após as experiências diaspóricas no “contato com o estrangeiro”. Nessa linha de pensamento, para Edilma Cavalcante (2017, p. 44)

O romance *Americanah* (2014) mostra-se um terreno frutífero para análise do empoderamento, pois a personagem encontra-se justamente nessa zona conflitiva de poder: uma mulher, negra, imigrante, vivendo em um país de tradição racista, enfrentando dificuldades financeiras, barreiras culturais, problemas de relacionamentos de toda ordem, adaptação ao meio e (des/re)conhecimento de si.

O “(des/re)conhecimento” da personagem é marcado por embates adversos em solo estrangeiro, os Estados Unidos. Desse espaço social brancocêntrico, portanto: a) o sentimento de não integração do africano fora de sua terra; b) as situações de racismo; c) o tenso processo identitário (negação/afirmação) das diferenças.

Na América do Norte, os Estados Unidos, a protagonista se vê envolta aos “estigmas negativos relacionados à África”, como

⁸ Que segue disponível na versão online. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=EC-bh1YARsc>. Acesso em: 30 agosto de 2020.



relata a narradora: “Quando Ifemelu passou a viver nos Estados Unidos, sociedade racista na qual os ideais de beleza são pautados pela brancura, essas referências de mulher serão muito importantes” (CAVALCANTE, 2017, p. 66).

Em *Americanah*, o foco principal não é o cabelo da protagonista. Por outro lado, tal questão não deixa de suscitar conflitos em seu processo identitário. Mas, qual o papel da família nesse processo? Das palavras do narrador sabemos que “Ifemelu cresceu à sombra do cabelo de sua mãe”. O seu cabelo, no entanto,

Era preto retinto, tão grosso... tão cheio que tinha de passar duas horas sob o secador e, quando finalmente era libertado dos bobes rosa, saltava, livre e vasto, cascadeando pelas costas como uma celebração. Seu pai dizia que era uma coroa de glória. (ADICHIE, 2014, p. 49).

Os cabelos da protagonista “cresciam com relutância”. Em consequência, as cabeleireiras afirmavam que “os fios cortavam que nem faca”. Há aqui, uma associação negativa quanto ao cabelo da pequena Ifemelu já tensionada pelas comparações com os cabelos da mãe: “Ifemelu muitas vezes olhava no espelho e puxava seu cabelo, esticava os cachinhos, desejando que ficasse como o da mãe; mas ele permaneceu crespo e crescia com relutância”. (ADICHIE, 2014, p. 49).

Outra referência familiar de Ifemelu é a tia Uju que usava longos apliques lisos “e sedosos que cascadeavam até a altura dos ombros: era um mega-hair chinês, a versão mais nova, brilhante e reto de tão liso; nunca embarçava. ” (ADICHIE, 2014, p. 86). Ou seja, as duas referências de beleza e admiração de Ifemelu expressam o viés social em voga: cabelos com apliques, lisos, o que passa constituir os seus anseios.

Do plano da ficção, *Americanah*, à Antropologia, com Nilma Lino Gomes aprendemos a conceber o cabelo como uma “linguagem” que expressa valores sociais, culturais, políticos, ideológicos e, imbricados a esses, certos conflitos no “corpo-linguagem”. Ou seja,

O corpo é uma linguagem e a cultura escolheu algumas de suas partes como principais veículos de comunicação. O cabelo é uma delas [...] É um dos elementos mais visíveis e destacados do rosto. Em todo e qualquer



grupo étnico ele é tratado e manipulado, todavia a sua simbologia difere de cultura para cultura. Esse caráter universal e particular do cabelo atesta a sua importância como símbolo identitário. (GOMES, 2008, p.8).

Em diálogo com Gomes, podemos entender o cabelo como um dos traços fundamentais para a nossa re/constituição identitária. Assim sendo, temos a seguinte correlação e, diríamos, a trilogia entrelaçada: corpo/cabelo/linguagem. Na mesma esteira, mas a partir do campo da Linguística Aplicada, Ana Lúcia Silva (2011) que se detém sobre o *hip-hop* (outras linguagens das margens), abre trilhas para entendamos o cabelo crespo como um dos “letramentos” identitários negros.

Endossando acepções anteriores, Ana Lucia Silva e Maria Nazaré M. Lima (2018) refletem sobre os programas de Pós-Graduação⁹ nos quais atuam. Das reflexões interessa ressaltar o que entendem por letramento. Ou seja, “[...] práticas socioculturais mediadas pelas linguagens verbais (escritas e oralidades) e extra-verbais (sons, cores, imagens visuais, performances, cenas etc.)” (SOUZA e LIMA, 2019, p. 27). Por essa linha de raciocínio, associamos: a) cabelo = “símbolo de identidade cultural” (GOMES, 2008); b) cabelo: “linguagem extra verbal e visual”. Logo, “letramento” identitário,

Sob o prisma acima desenhado, em *Americanah*, temos o cabelo crespo como símbolo das negras raízes da personagem em seu espaço social de origem, o continente africano. Símbolo esse preterido na América do Norte (*Americanah*). À personagem: a sensação de aprisionamento e opressão social, como expressa:

Relaxar o cabelo é que nem ser preso. Você fica numa jaula. Seu cabelo manda em você. Não foi correr com o Curt hoje porque não quer suar e ficar com o cabelo crespo. Naquela foto em que me mandou, estava com ele coberto no barco.
Está sempre lutando para fazer seu cabelo ficar de um jeito que não é o normal dele (ADICHIE, 2014, p. 226-227).

O “jeito” anormal do cabelo é o alisamento em solo colonizador ou, inclusive, no espaço social local através dos apliques,

⁹ A saber: o ProfLetras (UFBA) e o Pós-Crítica (UNEB).



certamente, a suplantar as madeixas crespas. Por outro lado, com seu olhar crítico diante da imposição de um padrão branco, ocidental, a personagem nos desafia a pensar, a problematizá-lo. Desse modo, abre trilhas para a “autorrecuperação” no decorrer da extensa narrativa.

Das diversas querelas vivenciadas e superadas pela personagem, novas travessias: a “autorrecuperação” (hooks, 2019), a afirmação identitária:

Num dia comum do início da primavera – não havia nenhuma luz especial, nada de significativo aconteceu, e talvez fosse apenas porque o tempo havia transfigurado suas dúvidas, como muitas vezes acontece, ela enfiou os dedos em seu cabelo, denso, esponjoso e glorioso, e não conseguiu imaginá-lo de outro jeito. Ifemelu simplesmente se apaixonou por seu cabelo (ADICHIE, 2014, p. 232).

Na cena acima, dentre outras passagens do livro, em aproximação com a protagonista do conto *Impressões de uma infância*, da escritora Silvana Martins (2013), Ifemelu conquista a “autorrecuperação”, à direção propositiva de bell hooks (2019) que, sabemos, não se refere a esse ponto em suas abordagens.

Do cabelo crespo antes alisado, rejeitado, ao “esponjoso e glorioso”, muito há a ser re/discutido na narrativa. Nessa direção, endossamos as palavras de Cuti (2010), no que se refere ao poder da literatura: o poder de imaginar, sensibilizar, envolver e problematizar questões sociais, existenciais, étnico-raciais e outras mais. Logo, *Impressões de uma infância* e *Americanah* suscitam debates, embates e outras problematizações não abordadas aqui. Destas, só um recorte: a negação e/ou a afirmação identitária das protagonistas na relação com os seus cabelos crespos.

Considerações (in)conclusivas

Em suma, a breve explanação envolve duas personagens de obras literárias distintas, através das quais objetivamos identificar em que consiste o processo de afirmação e/ou negação identitária. Para tanto, recorremos a noções conceituais basilares às re-



flexões. Dos aspectos que as distanciam, o espaço social de onde emergem, o gênero literário (conto/romance), a extensão etc.

Impressões de uma infância (Cadernos Negros no 36), de Silvana Martins (2013) e *Americanah*, de Chimamanda Adichie (2014), trazem à cena aspectos atinentes à negação e à afirmação identitária das protagonistas, visto que as narrativas giram em torno das questões por elas suscitadas no enredo e nas ações desencadeadas na trama, partindo-se dos seus anseios e aflições. Um deles e, de certo modo central: a relação com os cabelos crespos nos espaços sociais nos quais são situadas, a diáspora (HALL, 2005).

Os cabelos crespos, como evidenciamos anteriormente, são símbolos culturais que remetem às matrizes africanas (GOMES, 2008). Símbolos esses que transcendem o campo da literatura e impactam as vivências da população negra, em especial, das mulheres negras. Dos embates e anseios, o processo complexo de estilizar as “máscaras brancas”, se pensarmos sob a ótica de Frantz Fanon (2008) e a “autorrecuperação” (hooks, 2019a). Do caminho percorrido, o campo “linguístico-literário” (MOREIRA, 2019) em interface com as demais áreas do saber: a literatura, a Linguística Aplicada, dentre outras.

Foi possível concluir que a escritora Silvana Martins e Chimamanda Adichie trazem à cena personagens negras impactadas pelo padrão estético brancocêntrico (cabelos lisos ou alisados). No decorrer da trama, as protagonistas resistem, reexistem, se reinventam. Vimos como, nesse percurso, as famílias (mãe, tia etc) afetam as rotas das protagonistas.

Avançamos ao ponto final das linhas que não se encerram aqui, ao contrário, se expandem em indagações e interlocuções. Para entrelaçar o pensar, nos reportamos às reflexões de Ana Rita Santiago (2014, p. 133) pois, assim como a pesquisadora, destacamos a importância dessas textualidades para o “fortalecimento” identitário negro.

Das veredas entreabertas na seara literária, a sensibilização, a criticidade e o olhar aguçado diante do racismo epistêmico e suas consequências sociais. Dessa problematização, o saber partilhado: o que apreendemos e, juntos, fortalecemos (aquilombamos), nas teias do saber e do poder, as instituições acadêmicas e demais espaços educacionais. Dentro e fora desses espaços, as vozes/linguagens das margens cumprem um papel crucial, consti-



tuindo-se enquanto “lugar de luta” (hooks, 2019, p. 31;45). Logo, lutamos. Lutemos!!! *Kabiessilê!*

Referências

ADICHIE, C. N. **Americanah**. Tradução de Julia Romeo, São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

ARAUJO, E. de S. S. **Trançando histórias, tecendo trajetórias: a consciência histórica em Americanah**. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal da Paraíba (UFPB/CCHLA), 2017.

BRASIL. **Diretrizes curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana**. Brasília: MEC-SECAD/SEPPPIR /INEP, 2004.

CARNEIRO, A. S. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. Tese (Doutorado em Educação) Universidade de São Paulo, 2005.

CAVALCANTE, E. B. **Um percurso de leitura de Americanah: a experiência que empodera?** Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação. Letras, 2017 (86 f).

CUTI. **Literatura negro-brasileira**. São Paulo: Selo Negro, 2010.

DUARTE, E. de A. (Org.) **Literatura e afrodescendência no Brasil**: antologia crítica. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2011.

FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

GOMES, N. L. **Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. 2ª edição. SP: Edições Vértice. Editora Revista dos Tribunais, 1990.

HALL, S. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. SOVIK (org.). Belo Horizonte: UFMG; Brasília: UNESCO no Brasil, 2003.

hooks, b. **Erguer a voz: pensar como feminista negra**. Trad. Cátia Bocaiuva Maringolo. São Paulo: Elefante, 2019a.

hooks, b. **Olhares negros: raça e representação**. Tradução de Sthepanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019b.



hooks, b. **Anseios: raça, gênero e políticas culturais**. Tradução de Jamille Pinheiros. São Paulo: Elefante, 2019b.

KUPER, A. **Cultura, diferença e identidade**. In: Cultura. A visão dos antropólogos. Bauru: EDUSC, 2002. p. 287-311.

LIMA, M. N. M. de e SOUZA, A. L. S. Letramentos e relações étnico-raciais: perspectivas de descolonização na formação de professoras, in. PEREIRA, Áurea da Silva; CRUZ, Maria de Fátima Berenice da; PAES, Maria Neuma Mascarenhas (Org). **Letramentos, identidades e formação de educadores: imagens teórico-metodológicas de pesquisa sobre práticas de letramentos**. Campinas: Mercado de Letras, 2018.

MACHADO, V. **Pele da cor da noite**. Salvador: EDUFBA, 2013.

MARTINS, S. **Impressões de uma infância**. In: Cadernos Negros 36: Contos afro-brasileiros. São Paulo: Quilombhoje, 2013, p. 101-104.

MBEMBE, A. (2018). **Necropolítica**. Tradução Renata Santini, São Paulo: n-1, edições.

MOORE, C. **Racismo & sociedade: novas bases epistemológicas para entender o racismo**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007.

MOREIRA, J. dos S. P. Reescrita de si: produções de escritoras subalternizadas em contexto de políticas culturais. In. **Fórum de Literatura Brasileira Contemporânea**, Rio de Janeiro, UFRJ, V. 7, no 13, p. 71-88, 2016. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/flbc/article/view/17237>, acesso em 08 fev.2018.

NASCIMENTO, M. B. **Quilombola e intelectual. Possibilidades nos dias da destruição**. Diáspora Africana: Editora Filhos da África, 2018.

OLIVEIRA, B. M. de J. **Cadernos Negros: (contos): fortalecendo negras raízes?** Dissertação (Mestrado em Letras). UNEB, 2014.

ROSEMBERG, F. e SILVA, P. V. B. da. Brasil: lugares de negros e brancos na mídia. In. DIJK, T. A. Van (Org.). **Racismo e discurso na América Latina**. São Paulo: Contexto, 2008, p. 73-117.

SANTIAGO, A. R. **Vozes de escritoras negras**. Cruz das Almas: Editora da UFRB, 2012.

SANTOS, O. M. **Platô de crítica cultural na Bahia: por um roteiro de trabalho científico transgressor**. In. ATAIDE, Cleber (Org). Estudos linguísticos e literários: caminhos e tendências. Recife (e-book), 2019.

SOARES, F. R. **#leiamulheres: campo literário e ciberespaço**. Dissertação (Mestrado - Mestrado em Literatura) - Universidade de Brasília, 2019.



SOUZA, A. L. S. **Letramentos de reexistência—poesia, grafite, música, dança:** hip-hop. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

SANTOS, B. de S; MENESES, M. P. (Orgs.) **Epistemologias do Sul**. São Paulo; Editora Cortez. 2010.

SOUZA, F. da S. **Afro-descendência em Cadernos Negros e Jornal do MNU**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

SOUZA, N. S. **Tornar-se negro:** as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

